

A DIFICULDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR E O CONTEXTO FAMILIAR

Carliene Freitas da Silva Bernardes

Graduada em Psicologia e Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia
Universidade Federal do Tocantins/Câmpus de Tocantinópolis

Deive Bernardes da Silva

Graduado em Direito e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia
Universidade Federal do Tocantins/Câmpus de Tocantinópolis

Resumo

Este estudo avaliou famílias com filhos apresentando Dificuldades de Aprendizagem (DA) na Escola. Na disciplina Psicoterapia familiar, os alunos acompanharam oito famílias com filhos em Dificuldade de Aprendizagem, por 8 a 10 sessões, com duração de 1h30min, em domicílio, aplicando entrevista familiar semiestruturada, Genograma, Ecomapa e projeto de vida familiar. Os alunos tinham 10 a 12 anos idade, 8 meninos e uma menina, todos repetentes, com queixas: dificuldades na leitura, escrita, perda de interesse e indisciplina. Majoritadamente, as configurações familiares referiam-se recasamentos, avós/netos e monoparental feminina, média de 1 a 2 irmãos. Os cuidadores possuíam escolaridade fundamental incompleta, história de DA no período escolar, pouca tradição para estudos, sendo a mãe, impaciente, responsável pelas tarefas escolares. As famílias vivenciavam violência intrafamiliar, dependência química, dificuldades com abrigo e alimentação. Conclui-se que as DA's não são urgência para a família, apesar de ser para a Escola, pois há dificuldades urgentes, a sobrevivência.

Palavras chaves: Dificuldade de Aprendizagem. Família. Escola.

INTRODUÇÃO

No cotidiano, observa-se discussões de quem será a responsabilidade pela Educação dos filhos, se dos pais, do governo, do professores, destacando em muitas delas a negligência do Estado, a falta de estrutura familiar e a sobrecarga de funções dos professores. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, Lei 9.394 (BRASIL, 1996), considerando a Educação como processos formativos do indivíduo, afirma a ocorrência destes em vários espaços, como na família, nas instituições de ensino e pesquisa, nas organizações civis, no trabalho, no convívio interpessoal, dentre outros, sendo dever da Família e do Estado a escolarização dos filhos.

O **objetivo** deste estudo foi problematizar uma atividade prática de avaliação e acompanhamento de famílias com crianças apresentando Dificuldades na Aprendizagem Escolar (DAE), de forma específica levantou a composição familiar e a dinâmica interpessoal destas famílias.

DIFICULDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

O Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais - DSM V (2014) utiliza a nomenclatura “Transtornos Específicos da Aprendizagem” referindo-se às dificuldades na

aprendizagem e no uso de habilidades acadêmicas ligadas à leitura, escrita e matemática. Afirma que 5 a 15% das crianças em idade escolar, em diferentes culturas, apresentam dificuldades, seja de forma leve, moderado ou grave. Para que uma criança seja diagnosticada precisa atender quatro critérios: 1) apresentar dificuldades na aprendizagem e no uso de habilidades acadêmicas em pelo menos um dos domínios, leitura, escrita ou matemática, no últimos 6 meses, apesar das intervenções para corrigi-las; 2) as habilidades acadêmicas estão abaixo das esperadas para sua idade cronológica, causando prejuízos no desempenho acadêmico ou atividades cotidianas; 3) manifestação nos anos escolares iniciais ou anos tardios, em situações que a exigência da leitura, escrita ou matemática excedam suas capacidades; 4) suas causas não são explicadas por deficiências intelectuais, acuidade visual ou auditiva não corrigidas, transtornos mentais ou neurológicos, adversidade psicossocial, falta de proficiência na língua de instrução acadêmica ou instrução educacional inadequada (DSM -V, 2014). Por fim, segundo o Manual, para diagnóstico investiga-se o desenvolvimento da criança, sua saúde mental e física, sua escolarização e família, através de relatórios escolares, avaliação psicoeducacional, aplicação de medidas padronizadas, dentre outros.

Fonseca (2007), partindo de uma abordagem neuropsicológica e psicopedagógica, define as DA como um conjunto heterogêneo de desordens, perturbações, transtornos, ou incapacidades no processo de aprendizagem, seja de índole acadêmica - verbal e simbólica (falar, ler, escrever e calcular) e/ou de índole psicossocial e/ou psicomotora – não verbal e não simbólico (andar de bicicleta, se relacionar, orientar-se no espaço, desenhar, etc.). O autor discute alguns axiomas relacionados à definição de DA: 1) elas acontecem em contexto educacional adequado, com condições e oportunidades de ensino suficientes; 2) o aluno apresenta um potencial de aprendizagem normal com capacidade intelectual, (QI) média e superior, porém manifesta um desempenho escolar abaixo do normal; 3) há Integridade Biopsicossocial, ou seja, a pessoa não apresenta nenhuma patologia ou deficiência, seja sensorial (visão, audição), motora, mental, neurológica, socioemocional ou cultural.

Logo, nessas condições, indaga-se como o aluno ainda manifesta uma DA? Para Fonseca (2007), as DA estão ligadas ao processamento de informações. No processo de aprendizagem, compreendida como mudança de comportamento provocada pela experiência, o cérebro do aprendente diante da tarefa, receberá várias informações visuais, táteis, auditivas, etc, que serão processadas pela cognição, que gerará uma resposta à tarefa, que, por sua vez, retroalimentará todo o sistema com novas informações. A não “ocorrência dessa arquitetura sistêmica cognitiva”, segundo o autor, provocará as DA (p. 8).

A FAMÍLIA, SUA COMPOSIÇÃO E SUAS FUNÇÕES

Família, nalgumas concepções, compreende o conjunto de indivíduos com laços de consanguinidade ou convivência, geralmente pai, mãe e filhos, que vivem na mesma residência (FERREIRA, 2010; IBGE, 2008; BRASIL, 1998). Estudiosos da família tem ampliado sua concepção, percebendo-a como um sistema aberto e interconectado com outros sistemas sociais, constituído por pessoas que compartilham uma relação de cuidados (proteção e alimentação), de vínculos afetivos, de convivência, de consanguinidade ou não, influenciado pelo contexto social, cultural, econômico, geográfico e histórico, logo possuindo um funcionamento próprio (SIMIONATO; OLIVEIRA, 2003; PAGANI; MINOZZO; QUAGLIA, 2009).

A família, em função dessas influências, sofre mudanças nos papéis e nas relações em seu interior, alterando sua estrutura no que diz respeito à composição familiar (SIMIONATO; OLIVEIRA, 2003). Atualmente, diz as autoras, há várias composições familiares: família tradicional (pai, mãe e filhos), casal sem filhos, recasamentos, monoparental feminina e masculina, avós e netos, famílias homoafetivas, abrigos, dentre outros. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), comparando o Censo de 2000 e 2010 quanto à composição dos domicílios brasileiros, observa-se uma diminuição dos lares com famílias tradicionais, apesar de ainda predominante, e um aumento de casais sem filhos e monoparental feminina.

Pagani, Minozzo e Quaglia (2009) explicam que são funções da família: a manutenção econômica dos seus membros; os cuidados domésticos com abrigo, higiene, etc.; o cuidado com a saúde dos seus membros; a disponibilização de atividades de lazer; a promoção da socialização de seus membros; o estabelecimento de laços de afeição; e a Educação/formação dos seus membros.

A RELAÇÃO FAMÍLIA E DIFICULDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Como já exposto, uma das funções da família é a Educação/formação dos seus membros. Pain (1992) assegura que a família é indispensável para a sobrevivência e o desenvolvimento da criança, incluindo o processo de aprender. Especificamente, no processo de Aprendizagem na escola e nas DA decorrentes, a literatura revela que há envolvimento da família nesse processo tanto geneticamente quanto ambientalmente.

Geneticamente, a influência é observada pela repetição de membros com DA em várias gerações (DSM – V, 2014; FONSECA, 2007). Por sua vez, o ambiente das relações familiares

também influenciam nas DA. Marturano (1999) revela que os recursos familiares como disponibilidade de livros e brinquedos, a estruturação do tempo da criança aos estudos, o acompanhamento dos pais nas tarefas escolares e a própria escolarização dos cuidadores influenciam no processo de aprendizagem escolar e no sucesso escolar. Dessa forma, se a família influencia no surgimento das DA's, ela também é alvo de intervenção para a transformação da condição de não aprendizagem do sujeito (PAIN, 1992; MARTURANO, 1999; ANDRADA, 2003; FONSECA, 2007; CESARIN, 2007; DSM – V, 2014).

MÉTODO

Uma Escola Municipal do interior goiano, encaminhou 14 famílias e seus filhos com DA para acompanhamento psicológico na Clínica Escola do curso de Psicologia da cidade. As crianças foram acompanhadas por estagiários e supervisora da Psicologia Escolar. Já as famílias foram convidadas para um acompanhamento familiar, supervisionado pela presente autora. Das 14 famílias, oito (8) aceitaram o convite, assinando o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.

Os estudantes de Psicologia, em co-terapia (trios), acompanharam as famílias por 8 a 10 sessões familiares, com duração de 1h30min, em domicílio. Para conhecer a composição familiar e sua situação psicossocial (financeira, doméstica, educação/formação, saúde, socialização, afeição e lazer) aplicou-se uma entrevista familiar semiestruturada. Utilizou-se do Genograma, representação gráfica, para identificar as relações interpessoais, os vínculos, doenças, dentre outros, dentro do sistema transgeracional (avós, pais, tios, filhos, netos) da família (McGOLDRICK; GERSON; PETRY, 2012). O Ecomapa também foi utilizado para avaliar as relações e as ligações da família com o meio onde habita (HARTMAN, 1978). Por fim, ao final das sessões buscou-se construir um Projeto de Vida familiar, almejando fortalecer suas potencialidades.

Sob supervisão, os estudantes de Psicologia realizaram as sessões familiares em cada domicílio, buscando a presença de todos os membros, incluindo os filhos com DA. As informações anotadas pela professora durante as supervisões, bem como os oito relatórios gerados pelos estudantes, foram analisados pelos autores deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os pacientes identificados, filhos com DA, tinham entre 10 e 12 anos de idade, sendo 8 meninos e 1 menina, dois deles irmãos. Todos com repetência escolar, a maioria cursando 1º. ou 2º.

ano do Ensino Fundamental. As crianças foram encaminhadas pela Escola por apresentarem dificuldades na leitura e escrita, baixa motivação e indisciplina. Porém, na ocasião nenhuma criança possuía relatórios de avaliação psicopedagógica das DA ou do estado de saúde.

As famílias em sua composição eram tradicionais (3); recasamentos (3); avós/netos (1) e monoparental feminina (1), com média de 1 a 2 irmãos, cuja figura masculina é, na maioria das famílias, o provedor do lar. Os cuidadores possuíam escolaridade fundamental incompleta, sendo a mãe, impaciente, responsável pelas tarefas escolares.

Através do Genograma observou-se que outros familiares (avós, pais e irmãos) também apresentaram DA durante o período escolar, repetência e evasão escolar, ou seja, houve pouca tradição para os estudos. As famílias ainda enfrentavam outros desafios como a violência intrafamiliar (entre cônjuges e pais/filhos), a dependência química de alguns cuidadores, principalmente o pai, e a manutenção de necessidades básicas como abrigo e alimentação, em função da baixa renda. O Ecomapa revelou que as famílias mantêm poucos contatos sociais, seja com instituições de saúde, lazer e trabalho, ocasionando uma diminuição das estratégias de enfrentamento às suas dificuldades.

A investigação revelou que há uma influência do contexto familiar nas DA, como mostra a literatura (PAIN, 1992; MARTURANO, 1999; ANDRADA, 2003; FONSECA, 2007; CESARIN, 2007; DSM – V, 2014). As Dificuldades de Aprendizagem mostraram ser transgeracionais, ou seja, pela genética ou pela aprendizagem, as dificuldades na aprendizagem dos conteúdos escolares, o baixo desempenho com conseqüente repetência e/ou evasão escolar se repete ao longo das gerações. Observou-se também que o foco da família na manutenção das necessidades básicas quanto à alimentação e ao abrigo, bem como o estresse com situações de violência e dependência química desfavorece o investimento em estímulos psicopedagógicos (brinquedos, auxílio nas tarefas, motivação para estudos, etc.) para a aprendizagem dos conteúdos escolares. Além disso, o fato da família estar ensimesmada, aumenta seu foco nos problemas diários e diminuiu seus recursos de enfrentamento, pois não dialoga com outras instituições e pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acompanhamento das famílias que apresentaram filhos com Dificuldades na Aprendizagem Escolar, evidenciou que as DA são transgeracionais e que apesar delas serem uma urgência da escola, não é uma urgência para a família, já que esta apresenta outras dificuldades primárias, a sobrevivência. Saber desse contexto, torna complexo não somente a compreensão como

também a intervenção na diminuição das DA. Mesmo realizando poucas sessões com as famílias, o que não possibilitou a transformação dessas dificuldades, a experiência evidenciou alguns ensinamentos. Torna-se importante a inclusão da família nos projetos de acompanhamento das crianças com Dificuldades de Aprendizagem Escolar, seja na Escola ou fora dela. No entanto, em função da complexidade do contexto familiar cabe uma articulação da escola com outros profissionais (psicólogos, assistentes sociais, médicos, dentre outros) e pontos de cuidado na comunidade como postos de saúde, instituições de assistência social, de trabalho e qualificação profissional, dentre outras.

REFERÊNCIAS

- ANDRADA, Edla Grisard Caldeira. Família, escola e a dificuldade de aprendizagem: intervindo sistematicamente. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, v. 7, n. 2, pp. 171-178, 2003.
- CESARIN, Nelson Elinton Fonseca. **Família e aprendizagem escolar**. 2007. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação de Ciências e Matemática), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- DSM-V**: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais [impresso e on-line]. 5 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2014.
- FONSECA, Vitor. Dificuldades de Aprendizagem: na busca de alguns axiomas. **Revista de Psicopedagogia**, v. 24, n. 74, pp. 135-148, 2007.
- HARTMAN, ANN. Diagrammatic assessment of family relationships. **Social Casework**, v. 59, n. 8, pp.465-476, 1978. Disponível em: < [http://historyofsocialwork.org/1978_hartman/1978,%20Hartmann,%20diagrammatic%20assessment%20OCR%20\(C%20notice\).pdf](http://historyofsocialwork.org/1978_hartman/1978,%20Hartmann,%20diagrammatic%20assessment%20OCR%20(C%20notice).pdf) >. Acesso em 06 de set. 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**: famílias e domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- MARTURANO, E. M. Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, n. 2, v. 15, pp. 135-142, Mai-Ago 1999.
- McGOLDRICK, Mônica; GERSON, Randy; PETRY, Sueli. **Genogramas**: avaliação e intervenção familiar. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- PAGANI, R.; MINOZZO, F.; QUAGLIA, G. Abordagem familiar: cuidado às famílias com pessoas que usam álcool e outras drogas pelas equipes de saúde da família. Em: MINOZZO, F.; FRANÇA, S. P. (coord.) **A detecção e o atendimento a pessoas usuárias de drogas na rede da atenção primária à saúde**: módulo 7. 1 ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre drogas, 2009, p. 33-49.
- PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- SIMIONATO, M. A. W.; OLIVEIRA, R. G. Funções e transformações da família ao longo da história. In: Encontro Paranaense de Psicopedagogia, 1, 2003, Maringá. **Anais I Encontro Paranaense de Psicopedagogia**, CD Room, ABPP, nov. 2003.